



## ALÉM DO CASAMENTO: A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA FICÇÃO CAMILIANA E MACEDIANA

Luciene Marie Pavanelo<sup>1</sup>

A ficção oitocentista, ao representar majoritariamente as camadas média e dominante da sociedade – ou seja, seus leitores –, acabou por marcar o lugar social por excelência da mulher do século XIX: o de esposa e mãe, fadada à instituição do casamento. Um dos principais temas do romance dos oitocentos é, sem dúvida, o casamento, visto como a grande problemática do universo feminino. Excluídas do mundo do trabalho, restava às mulheres a espera por um pretendente que pudesse substituir a figura do pai como provedor ou administrador dos bens. O ápice do projeto de vida feminino era casar-se com o homem escolhido por seu coração, um anseio onipresente nos romances da época. Camilo Castelo Branco e Joaquim Manuel de Macedo foram dois dos escritores mais profícuos do século XIX em Portugal e no Brasil, respectivamente, tendo ambos escrito dezenas de romances, nos quais encontraremos, em sua maioria, essa mesma preferência pela temática do casamento. No entanto, em algumas de suas obras é possível vislumbrarmos outros caminhos para as mulheres.

Em *As Três Irmãs* (1862), Camilo nos apresenta uma personagem que muito se desvia dos modelos femininos oitocentistas. Jerônima, a irmã mais velha, é descrita logo no início como “a mais varonil no gênero de labor a que se dava em casa, entendendo no tráfico, na labutação, e na contabilidade”<sup>2</sup>; segundo o seu pai, ela era “o varão de casa”, e a mãe, “essa dizia muitas vezes a Jerônima: ‘Ó, moça! tu pareces-me um homem!’”<sup>3</sup>. Mais adiante, ao contar sobre sua infância, o narrador afirma que “ria dos mimos que as irmãs andavam como a pedi-los ao pai; e, se este os queria repartir por as três, costumava ela dizer: ‘Eulália e Maria é que estão a morrer por festinhas; a mim dê-me antes um caderno de papel para eu fazer contas e traslados’”<sup>4</sup>. Além disso,

Os brinquedos de Jerônima eram de todo o ponto avessos aos ordinários na infância feminil. O que ela queria era um chapéu armado com plumas de papel, uma espada de cana, e, mais que tudo, um bote de cortiça com vela de chita, o qual ia marear no rio [...].

Dos doze anos em diante, Jerônima, hábil em escrita e contabilidade, ajudava o pai na escrituração, e lançava os borrões ao livro mestre [...].<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo. E-mail: lucienemp@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> CASTELO BRANCO, Camilo. *As três irmãs*. 9ª ed. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1946, p. 25.

<sup>3</sup> Ibid., p. 25.

<sup>4</sup> Ibid., p. 53.

<sup>5</sup> Ibid., p. 54-55.



Bastam-nos esses exemplos para percebermos a distância que separa Jerônima das mulheres de seu tempo. Não somente a opinião do pai, que a via e a tratava como o primogênito da família, ou a opinião da mãe, que por diversas vezes aponta as suas atitudes como masculinas, mostram o papel invertido dessa personagem na conjuntura social oitocentista. O seu gosto infantil, avesso às bonecas, e a sua habilidade para ajudar o pai negociante são indícios de sua recusa em aceitar a posição da mulher na sociedade, definida por um dos personagens a certa altura com o bordão: “A mulher para a vida doméstica; o homem para a atividade”<sup>6</sup>. O empenho da protagonista nas atividades típicas masculinas a leva a ser criticada pela família:

Jerônima animou [o seu pai] a armazenar azeite, obrigando-se ela a tomar a si o encargo de dirigir a labutação. Riu muito o pai, e andou contando aos seus amigos a especulação em que estava afeimado o espírito da sua Jerônima. A sr<sup>a</sup>. Mariana [sua mãe] cada vez descobria mais qualidades de homem na menina.

– A minha filha a governar armazéns de azeite! – exclamava ela – Havia de ter graça, quando tua irmã [que casou-se com um fidalgo] descesse por Vila Nova com o seu vestido de veludo escarlate sobre um cavalo, saíre-lhe tu à porta do armazém e perguntar-lhe se queria comprar um odre de azeite!<sup>7</sup>

Perante tais críticas, Jerônima tenta voltar “o pensamento para outro labor mais caseiro e adequado. Lembrou-se de fazer doce”<sup>8</sup>. Tal atividade, típica do universo feminino, porém, ao contrário da contabilidade, deixa-a tão fadigada que seu pai a obriga a parar. Quando ele adoece e morre, a personagem assume o papel de provedora da família dirigindo os negócios, que acabam por seguidos golpes de azar indo à falência. Mas ela não desiste: procura “cultivar prendas de costura, como marcar e bordar”, a fim de “habilitar-se para mestra de meninas”<sup>9</sup>.

Nesse momento, a família vive na pobreza, agravada pelo casamento infeliz de uma das irmãs, cujo marido fidalgo gastara todos os bens no jogo e morreria no Brasil. A outra irmã tivera mais sorte: acaba se casando com um advogado honesto que, com os seus poucos rendimentos, compromete-se a sustentar a sogra e a cunhada viúva. Assim, Jerônima se vê livre para exercer o ofício de mestra de meninas num vilarejo distante. Apesar de adotar um trabalho tipicamente feminino, a personagem não deixa de ser o varão da casa: quando o advogado acaba ficando na extrema miséria, Jerônima retorna com as economias que fez e salva a família.

Enquanto as mulheres do século XIX repudiavam o trabalho, mesmo que doméstico – a típica donzela oitocentista é aquela que passa o dia a ler, bordar e tocar piano –, para Jerônima o trabalho é fonte de felicidade, como ela afirma: “Sabes quanto eu amo o trabalho. Só poderei ser feliz, considerando-me útil e recompensada da minha utilidade [...]. Se eu conseguir ganhar o meu

---

<sup>6</sup> Ibid., p. 65.

<sup>7</sup> Ibid., p. 58.

<sup>8</sup> Ibid., p. 58.

<sup>9</sup> Ibid., p. 153.



modesto sustento com os meus esforços, hei-de ter vaidade de mim mesma”<sup>10</sup>. Apesar da insistência do cunhado para não ser mestra de meninas, a personagem se recusa a viver sob a sua tutela: “Que posso eu fazer na sua companhia? Sentar-me à mesa para tomar uma parte do produto da atividade alheia. Levantar-me da mesa para me empregar em trabalhos, quase inúteis, com que as mulheres costumam encobrir a sua ociosidade”<sup>11</sup>. Após o duro juízo que faz das atividades femininas, ela acrescenta:

Depois, meu amigo, eu já sei que santo prazer é o da mulher, que parece emancipar-se da sua fraqueza natural quando recebe o estipêndio da obra de suas mãos, e diz: Ganhei com os meus esforços, com a minha capacidade, com a aplicação do meu espírito, este dinheiro que vale a minha subsistência de uma hora, de um dia ou de um ano!<sup>12</sup>

Assim, o trabalho é uma forma de emancipação da mulher da dependência masculina, e dedicar-se a ele é uma maneira encontrada por Jerônima para se livrar do casamento. Ao ser indagada sobre qual seria a sua opinião acerca dos casamentos das irmãs, a personagem explica: “Gostava que elas fossem felizes solteiras; mas, se não-de ser mais felizes casadas, gosto que casem”<sup>13</sup>. Nesse trecho, não somente Jerônima assinala a sua diferença com relação às irmãs – que, como a grande maioria das mulheres do século XIX, viam o casamento como a única saída –, como defende a alternativa de ser solteira. Dessa forma, ela recusa a proposta de casamento do seu patrão, um morgado rico e viúvo, mantendo-se fiel ao seu comportamento desde a adolescência:

Dos catorze aos quinze anos solicitaram-na em casamento [...] vantajosos partidos [...]. E todos ela rejeitara, sem soberba, sem os ter visto, nem comparado com outros. [...] sobrava-lhe sensibilidade para dedicação e excelências de filha; mas o instinto do amor, a inclinação à liberdade que erradamente as solteiras almejam na escravidão, mais ou menos leve das cadeias matrimoniais, aquele natural que a ciência fisiológica vos afirma que existe inseparável do coração da mulher, não o tinha Jerônima.<sup>14</sup>

Nessa passagem, a voz do narrador expressa a opinião de Jerônima, que vê o casamento como uma escravidão, uma prisão. O narrador, por outro lado, mostra em diversos momentos que a personagem não é um ser insensível, pois ama os seus pais e suas irmãs a ponto de sacrificar a sua saúde para sustentá-los – e deixa bem claro: o que falta a ela é a paixão sentida pelo sexo oposto. No momento em que a família estava em grandes dificuldades financeiras, ela cogita casar-se com Pedro Monteiro, o homem que conta a história ao narrador camiliano. O pai dele, porém, opõe-se ao casamento, o que motiva a recusa de Jerônima, que acaba por escrever uma carta ao ex-futuro

---

<sup>10</sup> Ibid., p. 179.

<sup>11</sup> Ibid., p. 192.

<sup>12</sup> Ibid., p. 192-193.

<sup>13</sup> Ibid., p. 31-32.

<sup>14</sup> Ibid., p. 55.



sogro, defendendo a obediência filial. Segundo a irmã da protagonista, ela teria dito ao adoecer e saber do precário estado de saúde de Pedro, “que as mais felizes uniões se faziam no céu”<sup>15</sup>.

Tal paixão súbita por Pedro não convence o leitor, e poderia ser apontado como uma falha do enredo. Podemos, no entanto, baseados nas atitudes anteriores de Jerônima, inferir algumas hipóteses. Em vez de amor, a protagonista pode ter se rendido ao desespero causado pelas dificuldades financeiras, acabando por ver no casamento com Pedro uma saída. Como o pai dele se opôs ao casamento, destituindo-o dos bens da família, não havia mais motivos para que ela aceitasse a união. Quanto à frase tipicamente romântica supostamente proferida por ela, não temos garantias de que seja verdadeira: a irmã de Jerônima pode tê-la dito a Pedro para consolá-lo, ou, como o relato é feito ao narrador camiliano pelo próprio Pedro, é possível que este a tenha inventado.

De qualquer forma, Camilo nos mostra nesse romance uma personagem que muito diverge das convenções sociais do século XIX. Em *As Mulheres de Mantilha* (1870), por sua vez, Joaquim Manuel de Macedo apresenta-nos outras personagens também inusitadas para a época. Em certo trecho, o narrador macediano tece críticas à falta de liberdade feminina: segundo ele, o ciúme dos homens condena a mulher “à escravidão do zelo brutal”<sup>16</sup>. Na passagem que citaremos a seguir, além de criticar a situação submissa da mulher, vítima das leis, o narrador mostra que ela pode sim contribuir, à medida de suas forças, para a mudança da ordem social:

[As senhoras] revoltavam-se [...] contra as instituições de casas de recolhimento forçado para muitas esposas e filhas, verdadeiros cárceres em que a vontade dos pais e dos maridos tinham recurso seguro, que servia à sua prepotência.

Realmente a época não era lisonjeira para o belo sexo, que desde alguns anos, ressentido e desgostoso, aproveitava então o sentimento geral de reprovação do governo do conde da Cunha, e tomava parte considerável na oposição de murmurações e de acerbas censuras.

E não se tenha em pouco essa oposição feminil: pode muito a diária e insistente pregação da mãe, da esposa, das filhas e das irmãs, que falam livremente pela casa, e que sabem convencer agradando, ameaçando ou chorando; e podiam muito as senhoras, que, arriscando-se menos que os homens às perseguições da autoridade, cantavam ao cravo, ou à guitarra e à viola, os lundus e as cantigas com alusões epigramáticas ao conde da Cunha, ao seu ajudante oficial-de-sala, e aos abusos e escândalos que se observavam.<sup>17</sup>

Há, porém, no romance uma personagem que interfere nos rumos da nação de maneira distinta e também mais efetiva. Maria de... é uma cortesã bela, inteligente e rica, que recebe os mais importantes figurões da sociedade brasileira da época, incluindo o ajudante oficial-de-sala do vice-rei, Alexandre Cardoso, que era quem de fato detinha o poder e o exercia despoticamente através da bajulação ao conde da Cunha. São nos saraus e nas reuniões na casa de Maria que ocorrem os

<sup>15</sup> Ibid., p. 171.

<sup>16</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. *As mulheres de mantilha*. 3ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965, p. 162.

<sup>17</sup> Ibid., p. 184.



bastidores da política: como está à margem das convenções sociais, a cortesã transita habilmente pela política, atividade reservada à esfera masculina, contribuindo na urdidura das teias do poder.

Maria acaba sendo a grande responsável pela queda de Alexandre Cardoso e, por consequência, do governo do conde da Cunha. Motivada pelo desejo de vingança por ter sido traída por Alexandre, a cortesã manipula outros amantes influentes no governo para que as trapaças do ajudante oficial-de-sala sejam descobertas. Além disso, ela também acende o ódio de um pai pobre, cuja filha fora abusada por Alexandre, a fim de utilizá-lo em seu propósito de vingança. Quando a situação ameaça sair de seu controle, pois esse pai deseja assassinar o ajudante oficial-de-sala – “Maria não era celerada, e a ideia de um assassinato a horrorizava; mais ainda além disso, o crime [...] devia em todas as hipóteses contrariar as tramas que ela enredava para sacrificar Alexandre Cardoso”<sup>18</sup> –, ela o impede de atirar lançando-se diante dele no momento em que apontava a pistola na direção de Alexandre.

Apesar de o narrador tecer por vezes comentários moralistas à má reputação da cortesã, o fato é que o ajudante oficial-de-sala e o vice-rei são punidos no final do romance, enquanto ela encerra a história exatamente da mesma forma que começou, bela, rica e feliz: “Maria de... esqueceu depressa os gozos sinistros da sua vingança de vaidosa no empenho de novas conquistas e nos braços de novos amantes”<sup>19</sup>. E ainda influente: “O vice-reinado do velho conde de Azambuja durou apenas dois anos incompletos, sucedendo-lhe o marquês do Lavradio que [...] ardentemente se apaixonou por Maria de...”<sup>20</sup>. Uma personagem, enfim, interessante e digna de continuar a ser matéria de romances, como afirma o narrador no parágrafo final da conclusão: “Mais tarde me empenharei em escrever a história ou o romance desses amores do vice-rei marquês do Lavradio e da formosa cortesã”<sup>21</sup>. Dessa forma, Maria é apresentada ao leitor de maneira mais positiva do que negativa, uma vez que fora graças à ela que o Brasil se livrara de um governo tirano. Sua condição de cortesã teria sido, assim, um “mal necessário” para que ela pudesse intervir no universo masculino dos bastidores do poder de maneira tão incisiva.

Nesse mesmo romance encontramos outra personagem intrigante, Isidora, que aparece na casa de um dos personagens pedindo asilo, pois estava sendo “vítima de infame perseguição”<sup>22</sup> por parte do governo. Assim, ela se adapta ao cotidiano da família e, dona de uma bela voz, acaba sendo

---

<sup>18</sup> Ibid., p. 201.

<sup>19</sup> Ibid., p. 208.

<sup>20</sup> Ibid., p. 208.

<sup>21</sup> Ibid., p. 208.

<sup>22</sup> Ibid., p. 65.



requisitada para ensinar música a uma das filhas, Inês. Esta acaba se apaixonando por Isidora – e é correspondida –, fato revelado nos diálogos entre ela e sua irmã:

- Quisera casar-me com um moço que tivesse o rosto, a voz, a bondade e a graça de Isidora [...]. Mas... que olhar o seu!...
- Muito suave [...].
- Quando não é brilhante de fogo; porque, então, é abrasador.
- Ela nunca me olhou assim...
- [...] suponho que ela gosta muito de mim.
- [...] De que te serve gostar de uma moça como nós? [...] Eu, porém, não entendo isto... que amor é este, entre pessoas que não se podem casar?...
- É verdade [...]; não me governo, porém, mais... amo Isidora... e nem compreendo a natureza do sentimento que a ela me cativa...<sup>23</sup>

Mais adiante, encontramos a descrição de uma cena de paixão entre Isidora e Inês:

- Depois que a vi e a ouço, já não sei cantar: preparo-me somente para chorar...
  - Por quê?
  - Porque a amo...
  - Mas eu também a amo, e muito!...
  - Inês [...]!
  - Somos duas moças e quase da mesma idade: que amor mais inocente e puro? [...]
- Isidora curvou a cabeça e roçou com os lábios a mão de Inês [...].  
Inês estremeceu e corou sem saber por quê, recebendo aquele fugitivo beijo.<sup>24</sup>

O tom utilizado pelo narrador para descrever o amor entre as duas personagens é singelo, repleto de sentimentalismo romântico, não havendo em nenhum momento uma crítica à natureza supostamente “proibida”, para a época, dessa paixão homoerótica, com exceção dos questionamentos feitos pelas duas irmãs, expressados num tom inocente. Inês é sempre descrita como uma moça pura e ingênua, filha de um homem honesto e honrado, o que mostra uma grande distância entre esse registro macediano e as preconceituosas teses naturalistas da influência do meio e da hereditariedade que começavam a ser difundidas na época.

No final do romance, porém, o narrador apresenta-nos uma reviravolta. No momento em que Inês sofre uma tentativa de rapto por parte de Alexandre Cardoso, Isidora levanta-se como uma “valente amazona”<sup>25</sup> em defesa de sua amada, “manejando a espada com braço varonil [...], ostentando o arrojo e a força de um leão”<sup>26</sup>, acabando por afugentar os ladrões. É aí que seu segredo é descoberto e revelado: Isidora “de fato era lindo jovem que se disfarçara com vestido de mulher para escapar ao recrutamento”<sup>27</sup>. Como explica Jocélio Teles dos Santos, baseado na leitura do jornal *O Alabama*, de 1864, “era comum jovens se disfarçarem de mulher para livrar-se do

<sup>23</sup> Ibid., p. 164-166.

<sup>24</sup> Ibid., p. 170-171.

<sup>25</sup> Ibid., p. 173.

<sup>26</sup> Ibid., p. 173.

<sup>27</sup> Ibid., p. 175.



recrutamento [...]. Foi essa a justificativa que Joaquim Manuel de Macedo no seu romance *Mulheres de Mantilha* encontrou para explicar o travestismo da personagem Isidora(o)”<sup>28</sup>

Tal justificativa, porém, parece-nos um tanto forçada, pois Isidora(o) consegue enganar não somente as inocentes irmãs, fazendo-as acreditarem que era uma mulher, como também soldados experientes, o ajudante oficial-de-sala e o próprio vice-rei, que se encantou com os lundus que ela(e) lhe cantara durante a recepção na casa do pai de Inês. Fica-nos a pergunta: seria possível um homem lograr todas essas pessoas somente por usar roupas femininas? Assim como em Camilo, poderíamos depreender aqui uma falha de enredo, que não convence o leitor. Parece-nos, no entanto, que Macedo, neste caso, teria lançado mão dessa *deus ex machina* a fim de não contrariar os códigos moralistas do século XIX, uma vez que a realização do amor entre duas mulheres poderia chocar os seus leitores. Apesar de ter apelado para uma saída mais fácil, transformando uma das personagens num homem – possibilitando o casamento entre elas –, é digno de nota o fato de essa paixão homoerótica ter sido sugerida durante grande parte do romance.

Um ponto que aproxima a personagem Jerônima, de Camilo, e as personagens Maria de..., Isidora e Inês, de Macedo, é o fato de ambos os narradores as tratarem de modo sério, e não cômico, não sendo caricaturas destinadas ao riso do leitor. Jerônima – ao contrário de tantos personagens da galeria camiliana – não é ridicularizada pelo narrador, e suas atitudes masculinizadas são antes louvadas do que criticadas, pois garantem a sobrevivência de sua família. Já Maria de... é vista como uma sedutora e inteligente mulher, cuja condição social de cortesã a permitiu manejar e intervir no poder político, mudando os rumos da nação. O amor entre Inês e Isidora, por sua vez, é descrito com a mesma beleza e sensibilidade encontradas nos romances românticos que tratam da paixão entre sexos opostos. Dessa forma, Camilo e Macedo quebraram certos paradigmas oitocentistas, representando nesses romances mulheres fora dos padrões de comportamento impostos pela sociedade, mostrando que, mesmo dentro das limitações apresentadas pelos códigos morais do século XIX, há alternativas ao universo feminino que vão além do casamento heterossexual.

### *Bibliografia*

CASTELO BRANCO, Camilo. *As três irmãs*. 9ª ed. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1946.  
MACEDO, Joaquim Manuel de. *As mulheres de mantilha*. 3ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

---

<sup>28</sup> SANTOS, Jocélio Teles dos. “*Incorrigíveis, afeminados, desenfreados*”: indumentária e travestismo na Bahia do século XIX. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 40, n. 2, 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-77011997000200005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011997000200005)>. Acesso em: 23/06/2010.



SANTOS, Jocélio Teles dos. *“Incorrigíveis, afeminados, desenfreiados”*: indumentária e travestismo na Bahia do século XIX. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 40, n. 2, 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-77011997000200005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011997000200005)>. Acesso em: 23/06/2010.